

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TIJOLOS E ESPELHOS, O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

PARTE 1 – ANTES DA REVOLUÇÃO

10 de Fevereiro de 2023

### CHESMEH / 1971

#### “A FONTE”

*um filme de ARBY OVANESSIAN*

*Realização:* Arby Ovanessian *Argumento:* Arby Ovanessian *a partir do romance de Mkrtych Armen (“A Fonte de Heghnar”, 1935)* *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Nemat Haghighi *Música:* Komitas Vartaped (*composição*) Lida Berberian (*arranjos e piano:*), Onnik Hovsepian (*oboé*), Khoren Balian, Loucineh Zakarian (*vozes*) *Interpretação:* Arman, Mahtaj Nojourni, Jamsheed Mashayekhi, Parviz Pourhosseini, Fakhri Pazouki, Faramarz Seddighi.

*Produção:* Arby Ovanessian *em colaboração com* Rádio e Televisão Nacional do Irão (Irão, 1969-1971) *Cópia:* Arby Ovanessian, dcp (restaurado digital supervisionado por Arby Ovanessian), preto-e-branco, versão original sem legendas com legendagem electrónica em português, 101 minutos *Título internacional:* The Spring *Estreia:* Festival Internacional de Cinema de Teerão 1972 *Primeira apresentação em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

É tudo muito branco, muito minimal, muito belo em *Chesmeh*, realizado por Arby Ovanessian entre 1969 e 1971, antes da Revolução Islâmica e já durante a Nova Vaga Iraniana dessa era. Num primeiro visionamento do filme, sem legendas e sem possibilidade de compreensão do que é dito por palavras, ou do que trata a epígrafe bíblica, vinda do Apocalipse 9:6 – *E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.* – é já assim que parece: tudo muito branco, muito minimal, muito belo. A folhagem das árvores, o som da água em harmonia com outras vibrações e chilreares da natureza, o sopro do vento no mesmo movimento sensorial olhado pelo cinema. Não é preciso chegar ao título de um ensaio que refere *Chesmeh* sob “o estilo transcendental do cinema de Arby Ovanessian” nem saber do percurso do realizador para o notar. A singularidade de *Chesmeh*, que surge anunciado como o mais especial dos trabalhos de Ovanessian no cinema, é cristalina. A limpidez das imagens visuais e sonoras da brisa do vento e da correnteza da água flui com a tragédia a progredir sem que se dê a ver o drama, contido em pequenos gestos, reservado a elipses que nem elipses parecem ser. *Chesmeh* faz maravilhas com o momento do corte.

Estava, afinal, prometido no texto de apresentação de Ehsan Khoshbakht, quando o filme, nesta versão (digitalmente) restaurada cinquenta anos após a sua data de produção, foi apresentado em Bolonha, nas *redescobertas-restauros* do Il Cinema Ritrovato 2022: “Jóia rara da Nova Vaga Iraniana, *Chesmeh* é um filme que desafia mistérios e desejos reprimidos; como uma canção de embalar, transporta-nos para um estado onírico sem oferecer razões específicas. As vantagens de visionamentos repetidos permitem porventura compreender a simplicidade desconcertante do seu enredo... em que uma mulher muçulmana parece ser o interesse amoroso de dois homens (um deles cristão) e estar casada com um terceiro. O amor proibido e os destinos entrelaçados estão fadados à desgraça, mas o filme deixa fora de campo o que potencialmente encerra uma tragédia. A câmara chega sempre quando alguém já está morto.” Justamente, uma história de amantes no plural, impregnada de tradições culturais confluentes e desfecho trágico, cujos picos de tragédia são elididos concentrando-se o filme numa materialidade e numa sensorialidade espantosas.

É uma percepção imediata, com qualquer coisa de voluptuoso, qualquer coisa de inebriante, de pouco terreno, não obstante a austeridade do filme, a sua permanente ligação aos elementos, os seus poucos diálogos, a sua elisão. Faz parte do segredo de *Chesmeh*, do qual podemos não reter o enredo mas de que não esqueceremos os planos das árvores, a luz pontuada de sombra na folhagem que cobre o chão, os becos e os muros, os corpos fragmentados dos amantes, a profundidade de campo de um plano com três tecedeiras vestidas de negro destacadas do branco, o ritual fúnebre do brinde de vinho partilhado à sombra de uma árvore antiga por seis homens que falam de votos, trabalhos, montanhas, de alma, de dor... “A inscrição desmaiará, a pedra esboroará, mas a fonte sempre correrá.” “Quem ceifa as nossas almas?” ...e lançam o vidro ao riacho que desliza sobre seixos claros com a câmara a deslizar ao lado dele enquanto irrompem os cânticos que acompanham o movimento que percorre, do chão ao alto, o imenso tronco de árvore para lhe captar a copa filtrada de luz alargando vagarosamente o diâmetro do plano. A sequência é repetida no final, mediando a sequência do homem que tateia com o corpo a fonte seca e o desfecho a branco, quando a alegria da imagem dos miúdos em abundância de água se dissolve no unicamente branco do último plano.

Podemos não atentar de imediato aos tempos diferentes. Podemos não discernir os sinais culturais em que o filme é fértil, entretecido no património do cinema iraniano-arménio, de que Ovanessian é um dos protagonistas, ao lado de Samuel Khachikian (mais conhecido como “o Hitchcock iraniano”, de quem neste programa pode ver-se um remake de *Gilda* de Vidor: *Faryade Nimeshab / “O Choro da Meia-Noite”*, 1961). Pode escapar-nos a subtilidade da adaptação (livre) do livro do autor arménio Mkrtych Armen, cujos resumos parecem concordar como uma tragédia consequente da luta do amor com as forças antagónicas das tradições e crenças religiosas, cruzando a fronteira entre cristãos e muçulmanos numa localidade erguida entre muros altos, onde se detectam sinais da iconografia cristã. Mas repararemos nos “sentidos de isolamento, angústia e medo do outro” como ligações a demais filmes dessa Nova Vaga pré-revolução tal como reparamos na perspectiva mais de vanguarda que realista, podendo concordar que “Ovanessian capta a magia melancólica dos jardins privados da cultura persa, na qual os ramos são dobrados com o peso dos frutos da culpa e do desejo” (Ehsan Khoshbakht).

Na escassa “literatura” acessível, *Chesmeh* é referido como um dos mais discutidos filmes do cinema iraniano anterior a 1979, um título que na época despertou reacções intensas de apreciação e desdém, tendo resistido como uma obra influente de rara percepção poética, aproximável ao cinema de Dreyer ou Bresson. Arby Ovanessian, sabe-se, estudou cinema em Londres, tornando-se conhecido como realizador de *Chesmeh*, tradutor de textos de Beckett para persa e um autor de culto no teatro iraniano, particularmente celebrado por uma colaboração com Peter Brook numa encenação de *Orghast* de Ted Hughes em Shiraz em 1971, ou seja, sensivelmente pela mesma altura do filme. Terá sido Brook (no prefácio de um livro editado em persa, *Theatre and Cinema de Arby Ovanessian*, Lashkari Majid, 2014) quem escreveu sobre a excepcionalidade do lugar ocupado por Ovanessian, explicitando, “É tanto um homem do Oriente como do Ocidente igualmente aberto aos mundos visível e invisível”.

*Chesmeh* é limpidamente um filme que olha o visível e o invisível em múltiplos sentidos. A morte ronda de começo, como a “imagem” da vida na da fonte, da água que jorra e que pode secar, e tanto se vê e se ouve, afluindo ambas para o momento em que o marido traído sepulta a jovem mulher num lugar de pó onde uma fonte só a ele permitirá beber. Não são os fantasmas que vão ao seu encontro, mas uma alquimia.